



N. 2

Coordenador — Major AMERINO RAPOSO FILHO,
Instrutor da ECEME

CAXIAS E A DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA

(Conclusão)

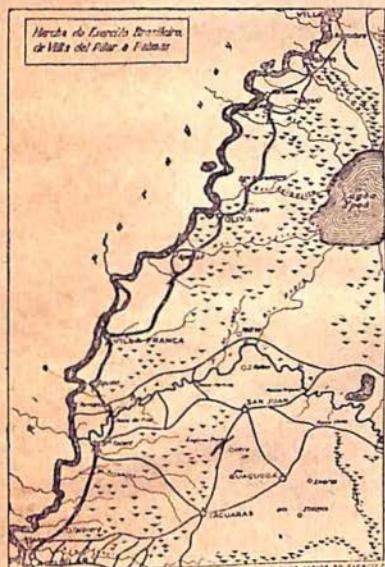
3. BATALHA DO PIQUICIRI

a) Situação geral (Esbôço n. 3)

Terminada a conquista de Humaitá, havia que prosseguir para o N, pois o inimigo, vencido embora, não estava completamente derrotado, tanto que se recuperara para bater-se em nova luta no corte do rio Piquiciri. Tratava-se para Caxias de reajustar o dispositivo das Fôrças Aliadas e cerrar os meios para a região de Palmas a fim de, com melhor conhecimento da situação, decidir sobre a manobra mais adequada.

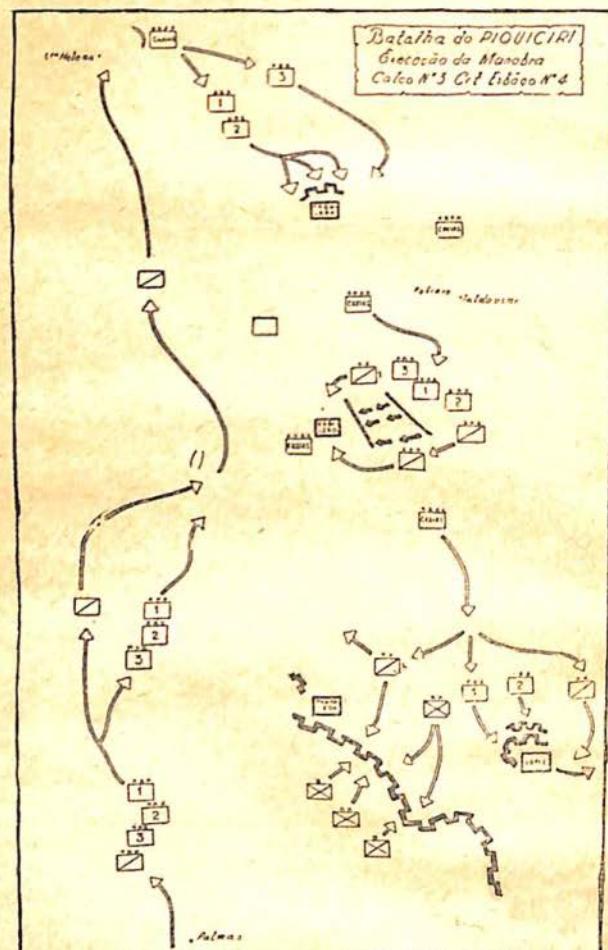
Assim é que, depois de mudar sua base de operações para Humaitá e aí manter o 2º CEx de Argolo, desloca o grosso das Fôrças Terrestres para o N, a 17 de agosto, alcançando Palmas a 30, estacionando o grosso entre o Surubi e o Piquiciri, depois de se darem alguns combates. Antes mesmo de alcançar Palmas, vemos Caxias tomando uma decisão preliminar consoante a evolução dos acontecimentos :

"Tenho hoje por ponto objetivo Villeta, para onde se retirou Lopez com seu exército, e que estou resolvido a atacar, logo que lá chegue. Quer o inimigo seja batido em Villeta, quer se retire diante de nós, tenho deliberado seguir daí para Assunção, que ocuparei militarmente e de onde farei seguir expedições".



Era, sem dúvida, a concretização das primeiras idéias contidas no Plano de Operações que enviara ao Ministro da Guerra de então, mostrando como iria conduzir as operações, agora que Humaitá estava dominada:

"Operando no vale do rio Paraguai, atingir Assunção. Em seguida, restabelecer os transportes com a Província de Mato Grosso, instalar um governo no Paraguai e destruir os remanescentes do exército inimigo."



Atingindo a vanguarda o corte do Piquiciri, constatou-se que os paraguaios defendiam essa linha, na margem N; além disso, outros reconhecimentos informavam que Angustura estava fortificada.

b) Plano de Caxias (Esbôço n. 4 e Calco n. 2)

Não há dúvida que as Fôrças Aliadas estão diante de outra posição de resistência fortificada, com 9 km de extensão, coberta a E por uma lagoa e pelas águas que dela provêm. Como vencer o inimigo se uma manobra central, de ruptura, será muito onerosa, pois o Piquiciri fôrça

transformado num obstáculo de 20 m de largura e alguns metros de profundidade e o terreno a E, coberto por densa floresta e alagadiço, não possibilitando uma ação de flanco pela esquerda paraguaiã? Será possível operar por W, pelo Granchaco, uma planície aluvional, baixa e alagadiça, sem estradas e coberta de espessa vegetação? Qual o plano a adotar-se contra um inimigo que dispõe de 20.000 homens e mais de 100 canhões para a defesa do Piquiciri, quando os aliados numeram, apenas, 34.000 homens?

Diante da realidade que se apresenta, eis que Caxias abandona qualquer ação frontal ou pelo flanco E, decidindo-se pelo envolvimento integral, por W, para desembarcar em Santo Antônio e atuar pela retaguarda dos defensores, fixando a posição frontalmente. Portanto, consistia a manobra em levar a massa dos aliados para o N do Piquiciri, com o propósito de atacá-lo pela retaguarda, sendo necessário transpor o rio Paraguai entre Palmas e Santa Teresa e, daí, seguir para Santo Antônio marchando em seguida para o S, com o flanco W apoiado no rio Paraguai, ocupando a região de Villeta. Naturalmente que tal plano ia importar num desbordamento inicial pela margem W do rio Paraguai, para livrar a coluna dos fogos da artilharia de Angustura. Dentre outras vantagens dêsse Plano ressaltam aquelas idéias que condicionam o êxito de uma manobra de flanco, podendo Caxias adotá-las, todas: reunião da massa de manobra na ala externa do dispositivo, um obstáculo (rio Paraguai) proporcionando a segurança necessária à reunião dos meios e, finalmente, possibilitar a obtenção da surpresa pela ação rápida e violenta na retaguarda do adversário.

c) Execução da Batalha

(1) Marcha de Flanco (Esbôço n. 4 e Calco n. 3)

Caxias vai dar início à marcha de flanco, por W, para a Batalha decisiva com os paraguaios que, a essa altura, sentindo iminente o movimento pelo Gran-Chaco — devido aos trabalhos que se faziam de construção de 11 km de estrada — evoluíram sua estrutura defensiva, lançando uma cobertura para Villeta e constituindo uma reserva móvel (5.000 homens) que ficou em Ita-Ivaté, aí preparando uma última linha de defesa. A massa de manobra, constituída pelos três CEx (1º, 2º e 3º) e, mais, as quatro DC (1ª, 2ª, 3ª e 5ª), totalizando 23.000 homens, aproximadamente, deslocou-se, depois de ter sido transportada pela Esquadra, de Palmas até Santa Teresa, pela estrada do Chaco. Daí seguiu para a confluência do arroio Villeta, alcançando essa região a 4 de dezembro, de onde prosseguiu viagem, agora novamente transportada, para Santo Antônio. A cavalaria, ao invés de seguir para o arroio Villeta, despontou-o e marchou pela margem direita do Paraguai, até Santa Helena, pouco ao S de Santo Antônio.

Estabelecida a cabeca-de-ponte em Santo Antônio, podia Caxias lançar-se para o S sobre as defesas do Piquiciri. Estratégicamente, Lopez estava envolvido.

(2) A Dezembrada

(a) Itororó

Ao 2º CEx determinou Caxias "procurar e ocupar, logo que desembarcasse (em Santo Antônio), a ponte do arroio Itororó, para evitar que o inimigo, prevenido do nosso movimento, tome nela posição e nos dispute o passo". Por não ter sido suficientemente interpretada a missão, pois se tratava de manter-se a passagem no Itororó até a chegada do

grosso, tornou-se necessário montar uma ação em força para dominar a linha. O que aconteceu foi precisamente o seguinte: Osório lançou-se, com seu 3º CEx, à abordagem da defesa paraguaia, despontando o arroio, enquanto o 2º CEx faria uma ação de fixação. A fôrça da ação secundária, ao invés de fixar Cabalero, o que fez foi engajar-se a fundo, sendo repelida com violência pela defesa inimiga, que se portou bravamente e se conduziu de modo essencialmente dinâmico e eficaz.

Caxias, à testa do 1º CEx e extremamente preocupado com as flutuações na frente do 2º CEx, decidiu intervir no combate, pois o 3º CEx de Osório ainda continuava atrasado e não aparecia no flanco direito



do inimigo, a tempo de terminar com essa luta sangrenta. Assim pensando, lança-se Caxias numa ação frontal, empenhando também o 1º CEx, "para não mais retardar o resultado desejado".

Foi essa uma decisão fundamentada puramente no fator moral e na audácia, comandada a ação pessoalmente pelo Comandante-Chefe.

Magnífico episódio que a todos empolgou, levando de vencida as fôrças de Cabalero. "Houve quem visse moribundos, quando êle passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para cairam mortos adiante.

Tôda aquela massa, que há pouco amolecera e se desfibrara sob a ação do pânico, readquire, de súbito, sua vitalidade e poder combativo" (Dionísio Cerqueira).

Vencida a resistência em Itororó, prosseguiu Caxias, a 7, para o S, despontando as cabeceiras do Ipané, o que anulava qualquer tentativa de retardamento nesse arroio, acampando o grosso, por 2 dias, na região de Cerro do Ipané.

Restabeleceu-se a ligação com a Esquadra e reorganizaram-se as fôrças para o choque decisivo.

(b) Avaí

Derrotado em Itororó, Caballero recebeu ordem de Lopez no sentido de deter Caxias no corte do Avaí, sendo consideravelmente reforçado. Tal decisão do ditador paraguaio deixa dúvidas quanto à sua verdadeira intenção: travar a batalha decisiva no Avaí ou em Ita-Ivaté.

Informado Caxias pela vanguarda, que a linha do Avaí estava defendida, determinou que a posição fosse abordada em tôda a frente e, mais, percebendo que a defesa de Caballero não apresentava os flancos apoiados, decidiu-se a reproduzir Cannae, isto é, fixar os paraguaios frontalmente e desbordá-los simultaneamente pelos dois flancos, para cortar a retirada. Lançou o 2º CEx pelo flanco direito do inimigo, enquanto a 1ª DC atacava pelo esquerdo. As 2ª e 3ª DC atuariam no flanco direito.

Quando Caxias percebeu que os dois flancos paraguaios estavam sendo envolvidos, lançou no flanco direito o 1º CEx e a 5ª DC, que manteve em reserva. O inimigo foi completamente derrotado, perdendo cerca de 4.800 homens, num total de 5.000 e foi possível às fôrças aliadas ocupar Villette a 11 de dezembro e restabelecer ligação com a Esquadra, reorganizando Caxias as fôrças nessa região.

(c) Lomas Valentinas

Para a fase final da luta, a distribuição das fôrças paraguaias era a seguinte: em Angustura havia 2.000 homens ao comando de Thompson; no corte do Piquiciri distribuíram-se 3.000 homens pelas trincheiras; e, em Ita-Ivaté, os 9.000 restantes. Para fazer face a essa articulação de Lopez, Caxias adota a seguinte linha de ação: a 5ª DC faria a cobertura na direção de Angustura, enquanto a 1ª DC reforçada atacaria a linha da Piquiciri, ligando-se às fôrças de Palmas. O grosso das Fôrças Terrestres atacaria a posição de Ita-Ivaté, chave de todo o dispositivo paraguaio.

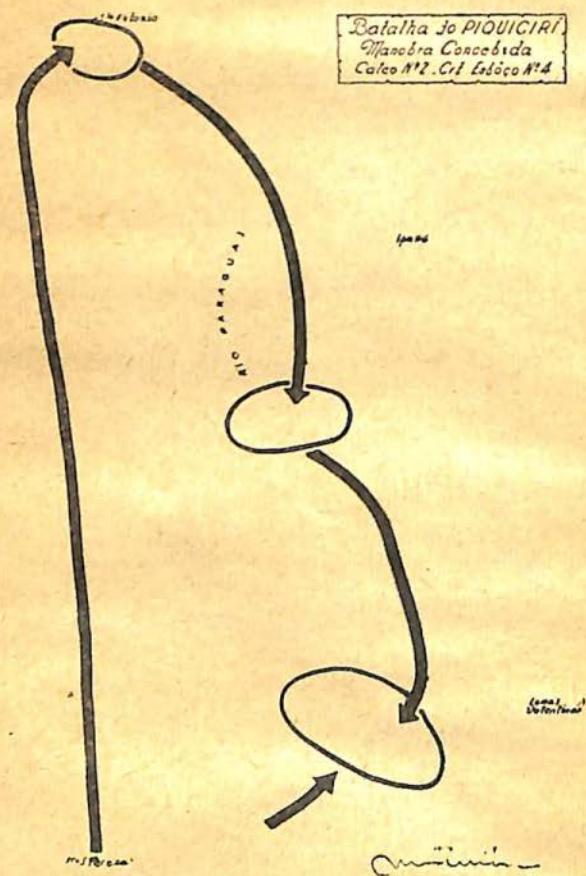
Os princípios da economia de fôrças e do objetivo aí se configuraram, de modo notável. Deixando tão secundárias quanto possível as ações de menor importância, Caxias emprega a proporção de 1/2 na ação de cobertura (1.000 aliados contra 2.000 paraguaios); para o ataque da 1ª DC ao Piquiciri apresenta 3.000 homens contra outro tanto inimigo; e, finalmente, na ação decisiva, lança 15.000 homens contra 9.000 de Resquin. Também o princípio do objetivo ressalta espontâneo, bastando considerar-se a importância relativa dos diferentes objetivos selecionados e os meios empregados em sua consecução.

Serão necessários 3 violentos ataques para que o inimigo seja definitivamente batido e aniquilado. O primeiro é desencadeado a 21, atacando Andrade Neves com seu grupamento de cavalaria (2ª DC, 3ª DC e 9ª Bda Cav) o inimigo em Potrero Marmol, para cobrir o ataque principal de Caxias, que parte às 1500 sobre Ita-Ivaté, ao mesmo tempo que a 5ª DC fazia a cobertura face a Angustura. O ataque dos 1º e

2º CEx entra pela noite a dentro e pouco êxito obtém diante da resistência heróica dos paraguaios. Já o grupamento de Mena Barreto, consegue pleno êxito no ataque à linha do Piquiciri.

A 25 novo ataque é realizado contra os paraguaios, agora reforçados com mais 1.600 homens vindos de Assunção, e pequeno avanço é conseguido. Finalmente, a 27 desfecha-se o golpe decisivo, partindo em primeiro escalão o destacamento de Palmas, sendo completamente batidas as forças de Lopez, fugindo, em seguida, o ditador com um pequeno grupo de paraguaios (cêrca de 60). Uma vez terminada a luta em Ita-Ivaté, volta-se Caxias contra Angustura, que se rende sem combater.

A 5 de janeiro a Capital inimiga era ocupada pelos aliados, sem nenhuma reação.



(d) Comentários

Nessa manobra Caxias completou-se, não há dúvida alguma, como Chefe e Condutor de homens. Rápido, audacioso e heróico, não imprimiu às operações o ritmo lento da primeira fase. Percebeu que o fator tempo era decisivo para o aniquilamento total do adversário. Numa apreciação sumária, ressalta a judiciosa repartição dos meios, ficando em Palmas

o efetivo estritamente necessário (8.000 homens) à proteção da linha de transportes, fixando o inimigo pelo S, enquanto jogava a massa de manobra, representada por 23.000 homens, para envolver Lopez pelo N. Como reserva ficariam apenas 1.800 homens no Chaco, para atender aos grupamentos.

Não só na repartição das fôrças, mas principalmente na combinação de direções e atitudes e ritmo da manobra — inclusive na região de desembarque ao N do Piquiciri, que poderia ter sido Villela, Ipané ou Santo Antônio, decidindo-se Caxias pela mais afastada — os movimentos para a Batalha do Piquiciri se configuraram como autêntico Risco Calculado. Foi uma cartada decisiva o que o Comandante-Chefe lançou-se:

- quando condicionou o êxito da marcha de flanco a uma estrada a ser construída em menos de um mês e que só poderia ser utilizada durante o mês de novembro, pois em dezembro ficaria submersa; portanto, sob a "ameaça tenebrosa de ver o Exército tragado pela cheia do rio Paraguai";
- quando afastou-se de sua base de operações e foi colocar o grosso de suas Fôrças entre o Exército inimigo e seu centro vital, cortando-lhe as linhas de transportes, de início;
- finalmente, quando lançou-se heróicamente pela ponte de Itororó para vencer o inimigo num combate frontal, quando a ação de flanco se tornava duvidosa.

Dos violentos e sucessivos combates de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas, os mais sangrentos e plenos de bravura e heroísmo de toda a guerra, travados por Caxias em menos de um mês, que dizer disso? Não é extraordinário Caxias nessa fase quando altera completamente a manobra de Itororó, em plena conduta? Quando abandona os métodos e processos de ação empregados na Batalha de Humaitá, apelando exaustivamente e com verdadeira sofreguidão, para a audácia, a velocidade, a surpresa? Ainda mais: atentai para a prudência no movimento de Humaitá ao Piquiciri; em seguida, a ousadia na marcha de flanco; depois a precaução e o sigilo na operação de desembarque em Santo Antônio (2 horas da manhã). Mais adiante a bravura, a velocidade nas ações, a calma impressionante logo aparecendo em Ita-Ivaté?

IV — CAXIAS INSPIRADOR DE NOSSA DOCTRINA

SUMÁRIO

- 1 — Forma da Guerra
- 2 — Leis e Princípios
- 3 — Doutrina Tática

1. FORMA DA GUERRA

Quais as lições, no domínio da Estratégia, que nos legou Caxias, com sua extraordinária experiência de Planejador e Condutor da Guerra da Tríplice Aliança? Evidenciada ficou aquela verdade tão apregoada por Clausewitz, no sentido de que a Guerra, quando tiver que ser feita, visará ao aniquilamento completo do Poder Militar adversário e que apenas a Ofensiva conduz à vitória, impondo-se a necessidade de ser desenvolvida de modo enérgico e rápido? Mantendo-se intransigentemente fiel aos princípios a priori estabelecidos? Deixando tão secundárias quanto possível as ações menos importantes para concentrar o

máximo de esforços na direção decisiva? Que nos ensinou o Mestre quando à Estratégia Operacional, no que interfere com os fatores fundamentais que a condicionam, como a Relação das Fôrças em presença, o Espaço para as Batalhas e o Tempo necessário à Concepção e ao Desencadeamento das Operações?

Senhores: do que ficou assinalado na análise do Comando Supremo das Fôrças Aliadas, exercido por Caxias após tantos fracassos e flutuações na Direção da Guerra pela Tríplice Aliança, culminando no desastre de Curupaití, podemos inferir da visão estratégica realmente notável que possuía o Duque. E isso porque ele conhecia a fundo a Guerra em que estávamos empenhados; sua conjuntura política-militar; suas origens e causas. Sobretudo, as fôrças em presença e as peculiaridades do TO. Da resposta endereçada ao Ministro da Guerra, logo ao início da Invasão do território nacional, exponta o notável Planejador, de conceções largas e vigorosas; o conhecedor profundo daquela Guerra que teríamos de enfrentar. Aí se nota a perfeita visão estratégica do TO. As Leis e os Princípios afloram em completa integração: A Massa e a Fôrça; a Ofensiva e o Movimento; a Segurança e a Economia de Fôrças. E, por ventura, as Fôrças Morais aí não estão presentes quando se refere às operações ao Sul de Mato Grosso?

Que idéias inspiram a Concepção e a Conduta da Guerra do Cmt-Chefe, com relação aos tipos e à mecânica operacional da Manobra para o TO em que atuou, com suas características especiais, suas condicionantes geográficas e peculiares? Em suas manobras configuram-se aspectos relevantes como Superioridade das Fôrças no momento oportuno, dada a impossibilidade de se apelar para a Massa e a Potência, em tóda a frente. Donde a tendência para manobrar, sempre que possível, sobre os Flancos e as Linhas de Transportes do adversário. Preferência, pois, para as Manobras de Flanco, do tipo Envolvimento, em detrimento da Manobra Central, de Ruptura. Mas, atentai bem, Senhores, manobras de flanco, principalmente, porém flexíveis, podendo e devendo evoluir com a Batalha ou durante ainda a execução da Manobra para a Batalha. Manobra "a priori", às vezes, como na antiga Escola Alemã; planejamento prévio, podendo transformar-se posteriormente, em função das reações apresentadas, como hoje entendem as principais Escolas Doutrinárias. Finalmente, em certos casos, como nas lutas de Guerrilhas dos Farroupilhas, manobra inteiramente a posteriori. Portanto, judiciosa adaptação às condições particulares da Região de Operações e da Situação das Fôrças em presença.

E vêde como Caxias se ajustava, com extrema facilidade, realizando tipos de operações completamente diversos em cada caso. De início, à base de raides audaciosos, como nas revoluções de Sorocaba e Minas Gerais. Mais tarde, tornou-se fervoroso adepto das Guerrilhas na Revolução Farroupilha, apelando muitas vezes para o Cêrcio e a Perseguição, simultaneamente. Culminando, finalmente, nas magníficas manobras de flanco e Cêrcio, sem Perseguição.

Prestai atenção, Srs., que a Manobra do Piquicirí é ímpar na História Militar; nem mesmo Napoleão pôde dela aproximar-se na batalha de Iena-Auerstaedt, verdadeira manobra "a posteriori", envolvente e de ruptura ao mesmo tempo. Nem nas 1^a e 2^a Grandes Guerras — e, nesta, especialmente no TO russo — nem aí se viu coisa igual, sem embargo das extraordinárias possibilidades da Ciência e da Técnica o serviço da Guerra. Caxias, Srs., consegue, por meio de uma concepção audaciosa, aliada à rapidez e à surpresa na execução operacional, consegue, de um só fôlego, desenvolver excelente manobra de flanco. E vai mais além: culmina a manobra com o Cêrcio de todos os grupamentos de fôrça de Lopez, na frente secundária onde se fazia a fixação. Vemos então, uma manobra de flanco, que termina no Cêrcio sem haver, prò-

priamente Perseguição durante as 1^a e 2^a fases. O adversário seria batido tenta a Fuga, não a Retirada. Onde encontramos exemplo semelhante?

Senhores: reivindiquemos, nesta oportunidade, a Glória da Manobra de Círculo para nosso Patrono, para o Duque de Caxias, que, por intuição privilegiada em parte, mas principalmente pelo valor e audácia insuperáveis, seria o Pioneiro desta Forma de Manobra tão encontraída na 2^a Grande Guerra nos TO russos e da África do Norte, que os soviéticos para si invocam a primazia da concepção. Mas que, na realidade, o mérito da estruturação doutrinária, em termos de teorização da guerra e consequente planejamento operacional é autêntico, inequívoco, de Schlieffen, quando traduziu em planos seus profundos estudos de Cannae.

Eis um ponto a interessar os formuladores de nossa Doutrina Militar: — a inserção do Círculo, como tipo de Manobra para certos TO, como querem e preconizam os soviéticos em sua Doutrina.

Outro aspecto que a meditação de Caxias sugere é a orientação duma Doutrina fundamentada na Segurança Estratégica e Tática, face a todas as direções, hoje mais comprehensível e até conceitual e dogmática, sendo normal para a Guerra Atômica ou Convencional. Todavia, recordemos que nosso patrono viveu no meado do século passado quando, até então, só Napoleão fôra capaz de semelhante preocupação. O quadro da batalha do Piquicirí denuncia o que pode acontencer a um Exército, como o de Lopez, que não se guarda estratégicamente face a todas as direções...

Senhores: constatamos na Concepção da Guerra de Caxias, mas particularmente, na maneira como Conduzia as Operações, aquele mesmo fenômeno que, ao final do século passado, já se notava na Doutrina Alemã, isto é, "impregnado na intelectualidade das idéias de Moltke, tendia o EM alemão a aproximar-se, cada vez mais, de uma concepção científica da Guerra", a ser conduzida com Unidade e Continuidade de Direção, abolindo os conceitos materialistas e pré-fabricados. E, vêde bem, Caxias, não desempenhou o papel de Clausewitz, nem de Moltke, nem de Jomini, que ele jamais foi um teórico da Ciência da Guerra, mas Chefe essencialmente prático, Condutor de homens para a Batalha Decisiva. Traçou, isso sim, as verdadeiras bases de nossa Doutrina de Guerra com a ponta de sua espada e no próprio campo de batalha, como o fizeram Frederico, na Prússia; Napoleão, em França; Suvorov, na Russia e Sherman, nos EUA.

2. LEIS E PRINCÍPIOS

Que inspiração nos sugere o estudo de Caxias no comportamento amplo das Leis e dos Princípios que deverão nortear-se os aspectos científico e artístico da Nossa Guerra ou das Nossas Guerras? Como variará o grau de importância relativa das Leis Fundamentais e dos Princípios da Guerra e da evolução da Tática nos nossos TO? Poderemos negligenciar as questões que dizem com "o querer e o poder bater-se", assim como aquelas que apontam o "como bater-se e como utilizar as Fôrças Armadas"? Em outras palavras, porque não mergulhar fundamentalmente no estudo das nossas guerras para daí emergir aquilo que orientará nosso comportamento no sentido de qual deverá ser o espírito que deverá animar nossas Fôrças Armadas, e, em consequência, como caracterizar a Guerra e empregar as Fôrças nos diferentes TO?

Poderá Caxias servir-se de ponto de partida para a solução de problema tão importante? Vêde a Lei do Movimento perfeitamente configurada nas suas manobras, a justificar que a Guerra deverá ser fundamentalmente caracterizada pelo movimento; pois, "o movimento dizia Foch

— é a lei da estratégia". Em seguida, contemplemos os atos de Fôrça, finalidade do movimento em campanha, e eis Caxias dando ênfase à Lei da Fôrça quando desembarca em Santo Antonio para aniquilar o adversário pela retaguarda. Quereis uma batalha para a manobra? Ai está Humaitá.

Sem embargo, encontramos, também, a Lei da Ofensiva perfeitamente evidenciada no fato de Caxias, uma vez desencadeada as operações, não mais se deter, do ponto de vista estratégico pelo menos. "A guerra, para ser vitoriosa, deve ser essencialmente ofensiva sob pena de não ser guerra". Excelente insinuação da Lei do Arito é o fato de ter Caxias obviado ao máximo as desvantagens dessa terrível lei, sobretudo para nós latinos. Finalmente, durante a primeira fase da ofensiva aliada, ficou claro que "não há vitória possível sem contar com o imprevisto", o que se viu na marcha do Chaco e realça o valor dessa lei na formulação de uma teorização da Guerra.

Dos Princípios, já tivemos oportunidade de dizer como Caxias os aplicou e em que grau de importância relativa considerou-os. Assim é que o Objetivo, naquela acepção de "saber o que se que e não querer senão isso", resplandece plenamente em Humaitá depois visando a Assunção, numa lembrança de que "cada operação militar deverá ser dirigida contra um objetivo decisivo e atingível". E da Ofensiva, que ensina o Mestre? Que deve ser desencadeada ou retomada sempre que as condições se apresentarem propícias e não a todo custo, de modo suicida. Essa a ofensiva que deve inspirar nossa Doutrina: prudente, segura de início, para culminar até no Risco Calculado, como vios na segunda fase da guerra da Tríplice Aliança. Já a Unidade de Comando aparece como imprescindível à obtenção da unidade de esforços, enquanto o conceito de Massa não deve ser o da superioridade de efetivos e da potência de fogo, mas também o que resulta da aplicação de outros princípios, como Manobra e Surpresa.

Ainda mais, da importância das Fôrças Morais como fundamento à nossa preparação para a Guerra, Caxias nos ministrou magníficos exemplos, em tôdas as campanhas, pois certamente pensava como Voltaire, que dizia "não ser o número de mortos e, sim, o desânimo dos que sobrevivem que faz perder as batalhas".

3. DOUTRINA TÁTICA

Poderemos, a esta altura, sugerir algumas idéias gerais sobre os Métodos e Processos de Ação, no domínio da Tática, que meditação do comportamento de Caxias, como Soldado, mas acima de tudo como Chefe, nos está a apontar, tendo bem presente que "a tática é a ciência do possível" (Ardant Du Pico), e ela "diz como bater-se" (Moltke) e, por isso, é considerada como "a arte de travar batalhas".

Sem dúvida que a Doutrina Tática, inspirada na atuação de Caxias, deveria traduzir-se:

- por um comportamento eminentemente ofensivo ou, se a defensiva surgir como imposição do quadro estratégico, torná-la agressiva, ousada; uma defensiva — ofensiva, enfim;
- pela adoção de uma tática inspirada na superioridade moral, na coordenação dos comandos descentralizados e caracterizando a responsabilidade dos Chefes, em todos os graus da hierarquia, a iniciativa brotando como essencial ao êxito da Batalha e do Combate;

- pelo emprêgo de Processos de Combate apropriados, função da região de operações; ora prevalecendo a audácia e a surpresa, ora preparando-se para viver isolado e cercado. Aqui as formações regulares, atuando de modo normal, acolá a luta diferente, em guerrilhas, com fôrças irregulares;
- pelo emprêgo de estruturas de combate aptas a possibilitar formações ligeiras, podendo viver independentes e dos recursos locais;
- pelo exaustivo apêlo às ações desbordantes e de surpresa dadas as características do combate moderno;
- considerando-se, em destaque, nosso Homem como elemento essencial, não apenas da Guerra, de modo geral, antes a influir nos processos de combate e, até, na própria forma da manobra.

Enfim, uma Doutrina com solicitação intensa à Surpresa, à Audácia, à Iniciativa, aos Movimentos rápidos, às Manobras flexíveis. Às Estruturas leves e aptas a viver em grandes espaços, isolados e à própria sorte, até. Doutrina, pois, que atenda, verdadeiramente, às peculiaridades de nossos TO, do nosso Potencial Humano, de nossas Possibilidades Econômico-Industriais.

V — SÍNTESE FINAL

Eis aí, Srs, em grandes pinceladas, a contribuição do nosso maior Soldado a uma formulação doutrinária para a Guerra Brasileira, uma Guerra com fisionomia e personalidade próprias, a Guerra, inclusive, com nossas Estruturas e Possibilidades. A Nossa Guerra. Ele que foi além do Chefe que, pelo estudo, pela meditação, pela intuição principalmente, concebia e conduzia manobras com extraordinária felicidade e acerto. Quando Ministro da Guerra lançou, pela primeira vez no nosso Exército, em 1855, as bases da Nova Escola, visando a renovar a tática vigente e adaptá-la às exigências da Guerra. Ele que propôz a adoção da tática elementar das três armas contida nas ordenanças então em vigor no Exército português, "enquanto → dizia — não se cogita de uma tática elementar privativamente nossa, em harmonia com as circunstâncias peculiares ao nosso Exército e com a natureza de nossas guerras".

Ao contrário do sucedido com os franceses depois de Napoleão, que achavam "que a vitória necessariamente devia sorrir a tropas comandadas por Generais corajosos, espertos e práticos da guerra; mais audazes que prudentes; mais de valor que de sabedoria", nós guardamos de Caxias, por seu conjunto de virtudes e por sua notável atuação em Campanha e na Pasta da Guerra, a lição extraordinária que a Vitória só será possível àquelas Fôrças organizadas, instruídas e bem comandadas, sobretudo atuando em consonância com a realidade da guerra em cada TO. Vale dizer, em conformidade com uma Doutrina própria, indígena, doméstica. Doutrina inspirada em princípios e peculiaridades do nosso Homem e da nossa Gente.

Sua atuação como Cmt tático e, mais que isso, como Cmt-Chefe de nossas Fôrças Armadas em tão longo período de nossa evolução política, como Nação e em meio à Comunidade Platina, durante tantas lutas e glórias configura, nos seus principais pontos a trajetória de uma autêntica Doutrina Militar Brasileira. Essencialmente nacional.

Criemos, pois, uma "Nova Escola", como entendia Caxias; uma Doutrina, não como pensavam os franceses que viveram em seguida a Napoleão, mas uma escola verdadeiramente de Guerra. Objetiva e

realista, consoante o feitio próprio e peculiar do nosso Homem e das áreas geo-estratégicas de atuação provável. Doutrina fundamentada no emprégo de elementos de segurança altamente móveis, como nas operações contra os farrapos e no lançamento do grosso das Fôrças de surpresa, atuando principalmente pela Manobra e, não, pela Massa. Doutrina que preconize, ao máximo, a Dispersão dos meios e das fôrças, para os deslocamentos e permanentes solicitação à Velocidade na concentração para a Batalha Decisiva. Exatamente como aspirava Caxias que, por isso, legou-nos a melhor base de partida para a solução intentada: sua vida, sua longa carreira militar de Soldado e de Chefe.

Aí está, Srs., o sentido da homenagem que pretendemos significar ao nosso maior Soldado, no dia em que reverenciamos sua glorificação, no sentido de que tenhamos uma Doutrina Militar para atendimento às diferentes necessidades da Segurança Nacional, traduzidas pela Estratégia Militar a ser empreendida.

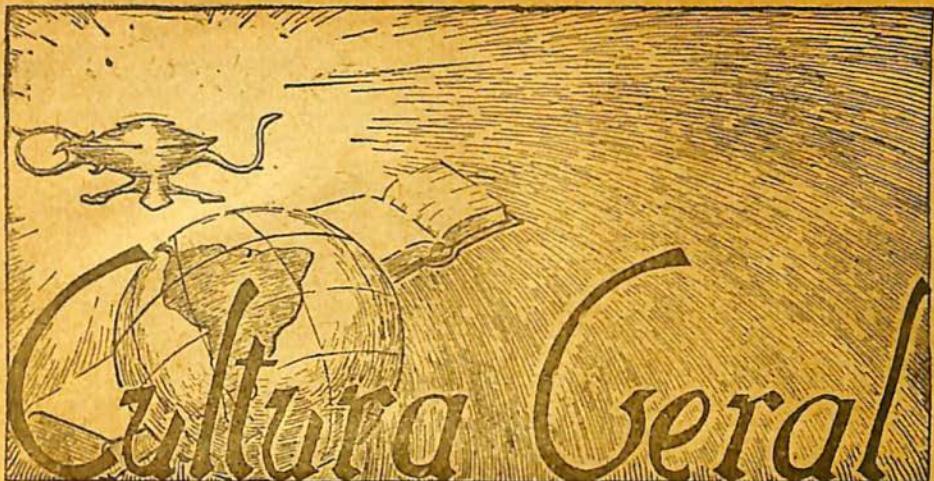
* * *

TRÊS MÁXIMAS DE NAPOLEÃO

— As decisões de um bom General não são o ponto da oportunidade e do destino. Elas resultam de um planejamento bem feito ou de seu gênio.

— A primeira preocupação de um Comandante é determinar o que fazer, verificar se tem os meios necessários para vencer as resistências que o inimigo pode lhe opor e, uma vez decidido, envidar todos os esforços no sentido de superar aquêles óbices.

— As guerras devem ser conduzidas metódicamente e por isso têm um objetivo preciso. Devem ser realizadas segundo os princípios e regras da arte. As fôrças empregadas nas operações devem ser proporcionais aos obstáculos que se supõe encontrar.



A GRUTA DO INFERNO

Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

Existem, no Brasil, maravilhas subterrâneas capazes de suplantar a "Wonder Cave".

O "Fernandes Vieira" dobrou a curva fechada do rio Paraguai e, vimos, ao longe, surgir uns pontos brancos sobre o fundo verde da floresta que nos circundava. Tais pontos, foram se tornando mais nítidos à proporção que nos aproximávamos, e, com auxílios de binóculos, alguns companheiros já podiam divisar a Bandeira Nacional tremulando à extremidade de um mastro e assinalando o local de nosso desembarque — o lendário FORTE DE COIMBRA.

Um marujo da tripulação, acostumado àquelas constantes viagens, informou-nos, que ainda faltavam uns quarenta minutos para abordarmos a "praia do Forte". Resolvemos, então, face à monotonia da paisagem circundante, reincetar nossas conjecturas e recordar o que representava, aquélle reduto, na história de nossa Pátria.

"Sua existência monta de 1775, por ordem de Luiz de Albuquerque

que, tendo a fortificação, naquela época a dupla finalidade:

- aliviar o povo de Cuiabá das contínuas depredações do gentio pataquá;
- impedir que os espanhóis se animassem a invadir o território português.

E, assim, foi que, COIMBRA, chave da navegação brasileira no rio Paraguai, sustentou dois assédios: o de setembro de 1801, executado por D. Lázaro de Ribera que, após oito dias de tentativas desiste da aventura ante a brava e heróica guarnição ao comando de Ricardo Franco de Almeida Serra e o de dezembro de 1834, sob a direção de Vicente Barrios.

Aproxima-se o pequeno vapor da "praia de desembarque", situada à margem direita e onde já divisávamos a guarnição formada, tendo à frente seu jovem comandante.

O rio, cujas margens até então não apresentavam obstáculos à sua

transposição, passa, na região do Forte, apertado entre duas elevações, que, nas enchentes de maior vulto transformam-se em verdadeiras ilhas.

O canal, conhecido na região pelo nome de "Estreito de Coimbra", é limitado à direita por uma elevação alongada, de uns três quilômetros de extensão, com cotas variáveis entre duzentos e trezentos metros. Em sua encosta noroeste acha-se construído o FORTE com o traçado da goia e das amuradas apresentando características das obras deixadas pelos portuguêses, em nosso território, todas elas, obedecendo a um tipo-padrão.

Após as cerimônias de estilo, parte da caravana embarcou em caminhão que seguiu para a região da "Gruta do Inferno", da qual, muitos viajantes têm falado, o que não impede, que cada novo visitante narre, também, as surpresas e emoções por que passou.

Nem o sol causticante, nem a "estrada pedregosa", provocando solavancos no velho caminhão, nem os ramos espinhosos, que, por vezes, eram lançados por sobre os passageiros, conseguiram perturbar o bom humor reinante. Mas, em meio caminho, a viatura, seja pelo peso que transportava, seja pelo estado impraticável em que se encontrava a "estrada" sofreu avaria, obrigando-nos a descer e percorrer a pé, os quilômetros restantes.

Mais adiante abandonamos a "estrada" e seguimos por uma trilha distante uns quinhentos metros do rio e entre arbustos ribeirinhos que os nativos chamam de "saraus", alcançamos a encosta do morro, onde está encravada a gruta.

O terreno, até então percorrido, é uma baixada sujeita a freqüentes inundações, coberta de gramíneas e apresentando, de quando em quando, touceiras de "algodão" do campo, ou ingazeiros isolados.

Começamos a galgar a encosta pedregosa de uma elevação de uns duzentos metros, atravessando uma região arborizada, onde se destacavam a "umburana" e os "guáyacos", saindo do interior de moitas

que servem, segundo nos informam, de ninhos às serpentes venenosas que habitam aquela região. O caminho, além de íngreme, é limitado por cercas vivas de espinhos, tanto aos lados como por sobre a cabeça do "alpinista", o que torna a subida mais difícil ainda e mesmo, muito vagarosa, pois a todos esses percalços, devemos acrescentar o cansaço da "turma" pela marcha já efetuada. Mas, a vontade de prosseguir era grande e ninguém podia esmorecer, dado o exemplo dos mais graduados e mais velhos. Finalmente, chegamos a mais de meio do morro e deparamos com a entrada da GRUTA DO INFERNO, também conhecida pelo nome de "Buraco do Soturno" (tudo leva a crer que seja uma corrupcione local de Saturno).

Uma gameleira, que parece ser a sentinela da GRUTA, está postada à sua entrada, como que procurando esconder do mundo profano, a beleza que aí se encerra e tanto é o seu cuidado que, suas raízes mais longas se lançam até a "porta de entrada", como que procurando impedir o acesso de quem se atrever a penetrar no âmago da terra. Existe mesmo uma lenda que atribui aos jesuítas temer escondido, naquele local um grande tesouro e plantado à entrada do esconderijo diversas árvores, das quais, a única que até hoje resistiu foi a gameleira.

Transpondo a "porta", logo ao entrarmos na Gruta, deparamos com o primeiro "descânco", ou seja, uma lage de quatro por três metros. Aproveitamos o local para retirarmos as camisas de instrução, desembaraçando nossos movimentos, para então, iniciarmos a prova de descida.

A todas essas, o general, ao qual acompanhavamos, seguia à frente, nos acenando com seus cabelos brancos e sua vontade ferrea.

Acendidas as velas, colocado o guia à frente do general, começamos a descer por uma "escadaria" de uns trinta metros de altura que, serpenteando a parede à direita, deixa à esquerda uma série de precipícios, cujo fundo a vista não devassa.

A descida não foi mais que uma sucessão de tombos que os degraus, colocados em falso, ocasionavam, mas nada podia nos privar de contemplar, mesmo à luz fraca da vela, a magnificência daquele trabalho da natureza e onde a mão do homem em nada interferiu.

De um lado colunas de estalactites, por vezes contorcidas, que desciham de alturas que não podíamos divisar, se nos afigurando como fixas em um teto muito alto; de outro lado as estalagmitas, que, com suas bases em forma de crivos se elevavam em busca do infinito. Nos intervalos, formações caprichosas soerguiam-se entre pedras soltas ou nelas engastadas.

Agora, olhando-se para cima, podia-se, ainda, ver a "porta" por onde havíamos entrado, o que nos proporcionava um suave contentamento, ao sentir que aquele mundo subterrâneo estava ligado ao nosso mundo.

Terminada a escada chegamos a uma grande caverna, denominada "Salão" onde, um pequeno lago de água salobra, muito carregada de carbonato calcário, irradiava intenso frescor, aliviando e dando sensação de bem-estar a quem, como nós, acabava de dispensar tantas energias. Naturalmente foi aquela água que, infiltrando-se pela abóboda, produziu tais maravilhas, dissolvendo a terra, descompõendo-se ao contato com o ar e perdendo parte do ácido carbonico que a saturava.

A "Wonder Cave", de menores proporções que a "Gruta do Inferno" é ponto de atração dos turistas, que pagam bom preço para nela penetrar, e, no entanto só o "Salão" desta, suplanta tudo o que, aquela caverna americana, pode apresentar de maravilhoso. Mas, não devemos pensar em turismo em Coimbra, pelo menos, presentemente.

Enquanto descansávamos, fainos lendo diversos nomes gravados nas pedras e, foi com prazer que constatamos o sinal de passagem pela "Gruta do Inferno" do General Pessoa, Coronel Fonseca, Tenente Welt Ribeiro e Capitão Hermes Guimarães.

No "Salão" existem diversas passagens para outras cavernas que o circundam, onde ainda ninguém se aventurou a penetrar, salvo na maior delas, para onde alguns oficiais se dirigiram, continuando na excursão subterrânea. Contam que, uma expedição chefiada por um oficial, talvez o então Tenente Hermes, já penetrou na Gruta, muito além do "Salão", mantendo ligação telefônica com um posto situado na "porta". Foi consumida toda a dotação de fio telefônico existente no Forte, quando, segundo contam, um dos soldados componentes da "turma" regressou apavorado, gritando, alucinadamente, que havia encontrado um tamanduá colossal.

Não passamos do "Salão". Ai ficamos apreciando a constituição de suas paredes, formadas por concreção estalactiformes, sob as formas mais interessantes que podem ser imaginadas. Ao lado de verdadeiras "cascatas" petrificadas, levantam-se colunas que parecem modeladas pela mão do homem ou então, cortinas de numerosos crivos, causando, assim, não só admiração como prazer a todo aquele que tem a ventura de contemplá-las.

Estávamos extasiados com aquela contemplação, quando ouvimos a voz gutural do "filósofo" da turma, antigo deputado por um Estado do Nordeste, parodiando Vitor Hugo, sentenciar:

"Qualquer que seja a posição do homem, ante tanta magnificência, sua alma se posta de joelhos..."